

Turismo Penitenciário e Arranjos Institucionais de Mercado

*Thamires Luz Chikadze**

*Marcia da Silva Mazon***

Resumo:

A partir de pesquisa realizada em município do extremo oeste do estado de São Paulo e convertido em complexo penitenciário foi possível analisar especificidades do sistema prisional paulista diante do fenômeno do *turismo penitenciário*. O objetivo do artigo é analisar sob a luz da Sociologia Econômica efeitos do encarceramento em massa a partir do recorte de mercado. O método consistiu em pesquisa etnográfica acompanhada de entrevistas em profundidade. Concluímos que o fluxo das visitantes, identificadas pela categoria nativa *mulher de preso*, reconverte não só o comércio local, como já observado por outras pesquisas, como igualmente seus significados, conforme observa Zelizer. Se os presos se situam num lugar à parte, a política de interiorização dos presídios e sua respectiva dinâmica de mercado inserem suas famílias em circuitos de reprodução das desigualdades.

Palavras-chave: Prisões. Turismo penitenciário. Estado. Mercado. Consumo.

* Doutoranda em Sociologia Política, na Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: luzthami@gmail.com

** Doutora em Sociologia Política, professora na Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: marciadasilvamazon@yahoo.com.br

Penitentiary Tourism: Market Institutional Arrangements

Abstract:

Based on a research carried out in a municipality located in the extreme west of the state of São Paulo and converted into a prison complex, it was possible to analyze certain specificities of the São Paulo prison system through what was configured locally as *penitentiary tourism*. The aim of the article is to analyze, in the light of Economic Sociology, the effects of mass incarceration from the market perspective. The method consisted of ethnographic research accompanied by in-depth interviews. We conclude that the flow of visitors, identified by the native category *prisoner's women*, reconverts not only the local market place as already observed by other researches but also their meanings, as Zelizer notes. If the prisoners are located in a separate place, the policy of dispersion of prisons into the state and their respective market dynamics insert their families into a reproducing inequality circuit.

Keywords: Prison. Penitentiary tourism. State. Market. Consumption.

Turismo Carcelario y Arreglos Institucionales de Mercado

Resumen:

Sobre la base de una investigación realizada en un pequeño pueblo ubicado en el extremo oeste del estado de São Paulo y convertido en un complejo carcelario, se hizo posible analizar ciertas especificidades del dispositivo carcelario de la provincia de São Paulo a través de lo que se configuró como *turismo carcelario*. El objetivo del artículo es analizar, a la luz de la Sociología Económica, los efectos del encarcelamiento masivo desde la perspectiva del mercado. El método consistió en investigación etnográfica acompañada de entrevistas en profundidad. Concluimos que el flujo de visitantes, identificado por la categoría *mujer de un detenido*, convierte no solo el comercio local, como ya lo

observaron otras investigaciones, sino también sus significados, como señaló Zelizer. Si los detenidos son desplazados hacia un sitio apartado, dicha política que lleva a las cárceles tan lejos en conjunto con sus respectivas dinámicas de mercado conduce sus familiares en circuitos de reproducción de las desigualdades.

Palabras clave: Prisión. Turismo carcelario. Estado. Mercado. Consumo.

A dinâmica de interiorização penitenciária modifica a paisagem paulista como parte da nova onda punitiva de caráter neoliberal que possui como alvo a população mais pobre (Wacquant, 2003). Entretanto, pesquisas recentes questionam a existência de um bloco neoliberal de caráter universal elucidando certas especificidades da punição ao estilo brasileiro, como: 1. a escassez material imposta pelo Estado dentro das prisões como forma produtiva de práticas específicas configurando um dispositivo carcerário paulista (Godoi, 2017); 2. a prisão enquanto parte de um amplo mecanismo de gestão de populações e territórios (Godoi, 2017; Mallart, 2019; Lago, 2019) e 3. o princípio construtivo das práticas de dentro e fora da prisão pautado pela sustentação familiar (Silvestre, 2011; Ferraz de Lima, 2013; Godoi, 2017; Padovani, 2019; Lago, 2019).

É nessa sustentação familiar que incide o foco do presente artigo. Como observa Telles (2015, p. 16), apesar do problema da pobreza não ser resolvido, ao contrário, a concentração de renda se intensifica, o campo discursivo adquiriu outra nuance: através da “[...] mercantilização de espaços, lugares, vidas e forma de vidas, no seu entrecruzamento com formas de controle e a lógica militarizada de gestão de espaços e territórios urbanos” surgem novos regimes de gestão da pobreza e o seu lugar. Como parte do recente dispositivo carcerário paulista surge o *turismo penitenciário*¹ numa cidade

1 Ao longo do texto optamos pela utilização do *itálico* para nos referir a expressões que surgiram e foram acionadas durante o trabalho de imersão no campo empírico. O uso de

do interior, onde canaviais coexistem com prisões, formando um contexto híbrido rural/urbano.

Conforme apontam as pesquisas de Bourdieu (2000) sobre o mercado de casas próprias na França e de Ossandon (2012) sobre o mercado de seguros de saúde no Chile, o discurso produzido por agentes (formados na escola de Chicago) que ocuparam o Estado nos respectivos países sustentam resoluções de problemas da esfera pública através de premissas do âmbito privado². Ossandon (2012) desvela um discurso em que um problema de saúde pública poderia ser resolvido com a criação de um mercado de seguros de saúde. De forma semelhante ao que se observa na justificativa de espacialização das prisões. Godoi et al. (2019) afirmam que a busca por territórios para o encarceramento passa por fatores de ordem econômica. A narrativa de autoridades governamentais hierarquiza essas questões como mais relevantes que possíveis motivações penalógicas.

Mesmo que a distância constitua parte estruturante da própria história da prisão, atualmente sua instalação em municípios do interior do estado de São Paulo deixou de perseguir os objetivos constitutivos de um modelo de ressocialização – que ausentaria os detentos dos vícios urbanos – para a reprodução das instituições de “segurança máxima”, tornando o rural uma extensão do urbano (Godoi et al., 2019). Porém, prisão implica trânsito (Mallart, 2019) e a distância não inibiu a circulação de pessoas e objetos, ao contrário, ampliou.

Do ponto de vista das relações de mercado, a interiorização das prisões que se constitui através da narrativa do *turismo penitenciário* configura o terreno dos possíveis daqueles municípios

aspas para além das citações literárias presentes no texto também foi empregado quando acionamos conceitos teóricos.

2 Em Bourdieu (2005, p. 21) um dos grandes trunfos da Escola de Chicago e principalmente na figura de Milton Friedman foi a identificação do mercado com a liberdade fazendo “da liberdade econômica a condição da liberdade política”.

que receberam as instituições. A justificativa é econômica, conforme discurso de dois agentes políticos locais entrevistados:

Os aspectos positivos das penitenciárias, te falei da questão da receita que houve essa mudança de coeficiente [se referindo ao Índice de Participação dos Municípios que muda com o aumento da população, contabilizando a carcerária], outro aspecto positivo é o *turismo penitenciário*; as visitas [se refere as e aos visitantes] que compram no comércio local, isso tem um impacto na questão das vendas, houve a necessidade de se construir pousadas, hoje a gente já tem até um hotel, pequeno, mas já tem. (Entrevista em profundidade com o atual prefeito de Lavínia realizada dia 12 de fev. de 2018 – grifo das autoras).

A vinda dessas famílias dos detentos nos finais de semana é o que gerou a melhoria na economia do município. Só pra você ter uma ideia: Lavínia antes dos presídios tinha um táxi e hoje temos mais de 30, e cada um deles sobrevive no final de semana tirando seu ganha pão. A economia mudou muito porque as famílias trazem dinheiro. (Entrevista em profundidade com ex-prefeito de Lavínia realizada dia 23 de jan. de 2018).

Conforme observam Bourdieu (2000; 2005), Zelizer (2011; 1985[1994]; 1978[1992]), Fourcade e Healy (2017), o mercado não se constitui como livre jogo de forças abstratas entre oferta e demanda, é antes resultado de um arranjo social amplo o qual envolve agentes, instituições em processos político-culturais complexos e passíveis de contestação. Esses processos constituem uma hierarquia moral a qual legitima a valoração e precificação de bens e pessoas (Brandalise e Leite, 2019; Mazon e Moura, 2017).

Zelizer (2009; 2011) pondera que as visões correntes sobre os mercados se acomodam em oposições: de um lado, destaca-se as relações de força ou mercado ilimitado como na perspectiva marxista a qual privilegia as transações mercantis enquanto im-

pulso expansionista destruidor de laços afetivos. De outro lado, a literatura antropológica enxerga o mercado exclusivamente como relações de sentido; haveria um conjunto de constrangimentos estruturais que limitaria a autonomia do mercado. A autora opta pelo caminho do meio ou o que ela nomeia de “mercados múltiplos”: diferentes mercados são pensados como espaços de troca e interação entre fatores culturais e materiais em processos de ressignificação, sendo continuamente atualizados, tanto nas dimensões dos objetos quanto do significado social do próprio dinheiro.

Zelizer (1978 [1992]), ao abordar o mercado de seguros de vida, aponta como novas valorações da vida e da morte, introduzidas pelo discurso das companhias de seguro e respaldadas pela Igreja, transformam preceitos morais, alterando o significado do dinheiro que assume o papel purificador: assegurar a família em caso de morte, responsável por seu arrimo. Relações econômicas e íntimas não podem, portanto, ser apreendidas desde modelos binários, aqueles que insistem em tratar por separado o sagrado do profano.

Somando esforços às reflexões dessas pesquisas que vieram para ressignificar o campo de estudo em prisões (Godoi, 2017; Mallart, 2019; Lago, 2019), propomos o aporte da Sociologia Econômica para pensar relações de mercado enquanto uma construção material e simbólica. Interessou-nos explorar o quadro de relações assimétricas no qual se constroem significados que colocam em circulação produtos e serviços no complexo prisional. Quais os significados negociados e qual a lógica de precificação adotada nesses mercados?

O artigo foi dividido em três seções. Na primeira abordamos o município estudado, o contexto do debate atual sobre espacialização do parque penitenciário e reflexões da Sociologia Econômica que podem somar a estas pesquisas. Na segunda apresentamos dados da etnografia e das entrevistas as quais apresentam

a rotina das visitantes e as justificativas que acomodam os significados para prisões nas cidades do interior. Por fim, na terceira e última seção analisamos as especificidades de precificação do mercado em torno das prisões. Essas mulheres estão situadas num lugar à parte mesmo atuando como principais consumidoras de um comércio destinado a atendê-las.

1. A prisão como elemento urbano e de mercado

Lavínia é um município localizado no extremo oeste do estado de São Paulo. Propomos que aqui ele possa ser tomado como “paradigma empírico” (Elias e Scotson, 2000) do processo de interiorização penitenciária³. Nesse município existiam três penitenciárias masculinas de regime fechado até a finalização desta pesquisa (fevereiro de 2019) e uma quarta unidade seria inaugurada em outubro do mesmo ano⁴. Desta forma, a população carcerária dobrou o número de habitantes locais, garantindo o fluxo de mulheres e familiares visitantes que convida os moradores a se organizarem material e simbolicamente em torno do que por eles foi nomeado de *turismo penitenciário*.

Esse contexto expressa três características fundamentais das discussões sobre prisões: o crescimento quantitativo da população carcerária e do número de prisões por via do encarceramento em massa (Wacquant, 2003; Davis, 2018); espacialização das prisões pelo território (Godoi et al. 2019), e o “fluxo em

3 Elias e Scotson, ao abordar Winston Parva, propõem um modelo de figuração no estudo de uma pequena comunidade e que poderia funcionar como paradigma empírico para outras configurações mais complexas, ou seja, podendo ser estendido para além de um estudo de caso (Elias e Scotson, 2000).

4 A população local, conforme o Censo de 2010, é de 8.779 habitantes, dos quais, o número de detentos contabilizados como domicílio coletivo seriam 3.665 homens. Porém, conforme dados da Secretaria de Administração Penitenciária (SAP) consultados em out. de 2017, o número de detentos seria de 6.067 homens. Assim, a população carcerária corresponderia a 69% do total, ou seja, mais da metade da população local.

cadeia” como parte estruturante e produtiva do próprio dispositivo carcerário (Godoi, 2017; Padovani, 2010; Lago, 2019). Importante considerar que o Brasil é um dos países que mais encarceram no mundo, atrás apenas dos EUA e da China em números absolutos de presos, sendo que os estados de São Paulo e Rio de Janeiro concentram 40% da população presa do País (Godoi et al., 2019, p. 592).

Godoi et al. (2019) analisaram os padrões de espacialização da prisão nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro: o parque penitenciário paulista se caracteriza pela dispersão pelo interior enquanto o carioca se concentra em único bairro da capital. No estado de São Paulo a pulverização das unidades prisionais pelo território organiza a diversificação de instituições quando próximas da área metropolitana, reservando as prisões de regime fechado aos menores municípios do interior paulista, também reconhecido como *o fundão*, “[...] território privilegiado para o cumprimento das penas” (Godoi et al., 2019, p. 596).

Investigações anteriores que se debruçaram sobre o fenômeno da instalação de prisões em cidades do interior paulista identificam mudanças territoriais, culturais, políticas, sociais e afetivas que as acompanham (Silvestre, 2011; Sabaini, 2012; Ferraz de Lima, 2013; Zomighani, 2013; Godoi, 2017; Godoi et al., 2019; Lago, 2019). Estas pesquisas indicam o escândalo do Massacre do Carandiru ocorrido em 1992 e sua completa desativação em 2002 como a gênese do processo de interiorização penitenciária⁵.

As justificativas que acompanharam a interiorização do pleco carcerário se fundamentaram, num primeiro momento, na humanização das condições de superlotação e insalubridade

5 O modo como cada estado – São Paulo e Rio de Janeiro – articula políticas de construção de novas vagas, autonomização dos órgãos de administração penitenciária, atualmente responsáveis pelos presos provisórios anteriormente destinados a carceragens de delegacias públicas, e a desativação e substituição das novas unidades entre os diferentes mandatos políticos pode ser consultado em Godoi et al. (2019).

das prisões brasileiras (Zomighani, 2013; Marques, 2018). No entanto, no momento recente, os modos de espacialização do sistema penitenciário concretizam em escala local “[...] os efeitos de processos transnacionais, que promovem a massificação do encarceramento e caracterizam a atual “governamentalidade neoliberal”: declínio do ideal socializador, populismo penal, políticas de tolerância zero entre outros” (Godoi et al., 2019 p. 606-607). As novas unidades penitenciárias anunciam com eloquência inovações tecnológicas e altos investimentos conforme discurso midiático no momento da inauguração do novo Centro de Detenção Provisória (CDP) de Lavínia, em outubro de 2019:

São Paulo é o estado que vai inaugurar o maior número de presídios neste ano. Até 31 de dezembro, serão 12 novos presídios e mais de 6,5 mil vagas oferecidas ao sistema prisional, com qualidade e segurança. O melhor sistema prisional é o de São Paulo. Você não tem notícias de revoltas e conflitos. Os agentes prisionais são bem preparados”, disse Doria. (Governo de São Paulo, 2019).

Padovani (2019, p. 8), ao relatar sua experiência de campo quando visitava a penitenciária feminina da capital paulista (resquício da estação de metrô Carandiru), chamou atenção para o movimento dos ônibus que saem deste emblemático local em direção às penitenciárias do interior do estado: “filas com dezenas de mulheres e crianças levando sacolas, caixas e bolsas com comida, roupas e dinheiro [...]”. Além da estação Carandiru, o metrô da Barra Funda igualmente é um ponto de saída das excursões particulares com destino às cidades interioranas e suas respectivas prisões (Luz, 2019): daí parte a maioria das mulheres que encontramos na cidade de Lavínia durante a pesquisa.

A condição jurídica imposta às visitantes (horários, dias da semana, principalmente sábados e domingos, roupa apropriada, sacola transparente entre outras) organiza a estrutura da oferta encontrada em Lavínia. O Estado, portanto, ao regular contribui

de forma decisiva para o surgimento de um mercado prisional. Em Bourdieu (2005) o Estado é um dos estados da gênese dos mercados ao construir a demanda através da produção de disposições individuais e disponibilizar recursos necessários (leis, regulamentações, empréstimos) para o estabelecimento de posições que definem a própria estrutura do campo econômico.

Embora o *turismo penitenciário* se apresente como perspectiva de mercado e assim seja abordado pelos moradores entrevistados em Lavínia, ele encerra um paradoxo: coloca em relação atores econômicos em condições legais diferentes e fere o princípio do *laissez faire*; livre encontro de atores no mercado. Os presos estão em sua condição legal, isolados da sociedade, e o seu deslocamento para as prisões distantes da cidade de origem obriga seus familiares a se deslocarem para este contato. Embora nomeado como modalidade de turismo – pessoas que acessam uma cidade ou região e lá consomem bens e serviços – não o fazem por livre decisão, antes, por ser esta a única alternativa de contato com maridos, namorados, filhos ou pais. Conforme Foucault (2014, p. 14) “a punição vai-se tornando, pois, a parte mais velada do processo penal [...]”. Trabalhar sobre os efeitos do encarceramento de um ponto de vista externo da prisão invoca um aperfeiçoamento contínuo das possibilidades etnográficas e revela um processo penal em circuito: a punição que ressoa na família dos presos.

2. Abordando prisões e mercados

A pesquisa seguiu os caminhos de outros investigadores observando como a prisão se encontra também fora dela, articulando circuitos específicos de pessoas e bens materiais (Godoi, 2017; Padovani, 2019; Lago, 2019). A prisão existe enquanto rede de relações que ultrapassam seus muros e se difundem por amplos territórios e segmentos da população; perspectiva que renuncia a noção das instituições totais enquanto territórios de completo distanciamento.

O município de Itirapina-SP só apareceu na vida da pesquisadora Silvestre (2011) e do pesquisador Sabaini (2012) diante de uma primária relação subjetiva, ambos foram moradores antes que pesquisadores. A metodologia justamente nos guia a esta discussão central referente à prática do ofício de sociólogo, a “objetivação do sujeito objetivante”.

De maneira semelhante, o acesso privilegiado que nos serviu durante a exploração etnográfica em uma pousada em Lavínia foi o fato de que a mãe da primeira autora seja sua proprietária. A pousada, para a qual demos o nome fictício de Pousada Sabiá, recebe apenas mulheres as quais visitam seus maridos, filhos, pais, namorados nas prisões de Lavínia e da cidade vizinha, Mirandópolis. Como filha da proprietária de uma pousada que conquistou sua clientela através de um tratamento considerado respeitoso por mulheres que carregam o estigma devido ao vínculo com um detento, foi possível uma imersão no que Favret-Saada (2005) nomeou de “etnografia por afetação”.

Quando o assunto é a extensão da punição aos familiares dos detentos impõe-se um recorte de gênero. Megan Comfort (2007) em sua obra *Doing time together* demonstrou como esposas e namoradas cumprem pena ao lado de seus familiares, as mulheres não abandonam, mudam sua rotina de vida para estar com os companheiros e nesta prática interferem múltiplos aspectos da construção de gênero⁶.

Como complemento da experiência etnográfica, durante o mesmo período, de dezembro de 2017 a fevereiro de 2018, realizamos dez entrevistas em profundidade com moradores do

6 A evidência de que as pessoas que visitam seus familiares presos sejam majoritariamente mulheres já foram indagadas por pesquisas anteriores no âmbito dos estudos em prisão (Ferraz de Lima, 2013; Silvestre, 2011; Godoi, 2017; Padovani, 2019; Lago, 2019). Porém, gênero não pode ser compreendido como sinônimo de mulher tal como aponta o clássico artigo de Joan Scott (1989), portanto será abordado em artigo futuro. Para discussões mais centradas na perspectiva de gênero ver Lago (2019).

município de Lavínia que se dividem em dois grupos: os estabelecidos por questão geracional dos estabelecidos pela oportunidade comercial; todos sem nenhum tipo de vínculo familiar com detentos.

Entre moradores entrevistados que nasceram em Lavínia estão os que ocupam posições de maior prestígio social, como os dois agentes políticos locais, uma trabalhadora da parte administrativa de uma das prisões do município e a assistente social da Prefeitura Municipal, além de duas trabalhadoras do Conselho Tutelar. Dos comerciantes – outros quatro entrevistados – um deles também era morador “antigo” da cidade de Lavínia e proprietário de uma pousada, assim como taxista. Os outros três comerciantes se mudaram para o município em busca de uma oportunidade comercial.

Um segundo trabalho de campo foi realizado em dezembro de 2018 sob o estímulo de Goidanich (2012). A pesquisa desta autora é uma etnografia de acompanhamento de mulheres ao supermercado no momento de realização das compras para a família. No campo dessa pesquisa acompanhamos três visitantes, então hospedadas na Pousada Sabiá, durante suas compras nos dois supermercados existentes na cidade. Notamos como elas “constroem-se como sujeitos em suas relações com as lojas” principalmente com as outras *mulheres de presos* que encontram e os poucos moradores que visualmente interagem com elas. Durante as compras percebemos como o foco é o familiar detido, porém, elas permitem-se “presentes” (Muller, 2002), em particular, produtos de estética e nos poucos momentos de ócio, a parada em uma sorveteria ou uma cerveja no bar.

Bourdieu (2005) em sua crítica ao agente racional individual e intercambiável da ortodoxia econômica afirma que decisões de compra e participação no mercado não são tomadas por agentes isolados, envolvendo grupos, famílias ou empresas os quais funcionam como subcampos. Daí a escolha da casa enquanto objeto

empírico, tratando-se de um bem carregado de valores arraigado na reprodução da riqueza (propriedade) familiar.

Elias e Scotson (2000) no estudo de Winston Parva apontam como grupos da mesma condição material geraram novos mecanismos simbólicos de distinção associados à antiguidade, o tempo de residência, o caráter daquilo que é antigo; atribuindo características de sua minoria “pior” aos novos integrantes, os *outsiders*. Este fenômeno refletia de forma positiva no grupo dominante intensificando as qualidades dos então estabelecidos (antigos), uma relação assimétrica alimentada pelo ato de difamar o outro através das fofocas pejorativas⁷.

No caso de Lavínia existe um marcador simbólico das relações que ali se estabelecem, sendo este, a prisão. Pensar em configuração no sentido atribuído por Elias e Scotson (2000) significa encontrar o efeito desta demarcação simbólica na constituição das interdependências funcionais, e para isto a troca mercantil é um bom ponto de partida para observar as relações entre demandantes e ofertantes em condições assimétricas que explicitamos a seguir.

3. Lavínia: visitas esperadas, temidas e a especialização do mercado

Godoi (2017, p. 190) questiona o mito do “custo do preso” apresentando dados da Defensoria Pública do estado de São Paulo os quais atestam a insuficiência de recursos para a manutenção

⁷ Cabe fazer uma ressalva à especificidade do caso brasileiro e sua extrema desigualdade racial, à diferença da comunidade estudada por Elias e Scotson (2000), em que os autores destacaram a inexistência de disparidades raciais, étnicas ou de nacionalidade como demarcação dos estabelecidos em oposição aos *outsiders*. A questão racial não pode ser negligenciada de uma pesquisa que se debruça sobre os efeitos do encarceramento em massa já que segundo dados do Infopen (2018) 53% da população carcerária no Brasil é negra.

das prisões. O Estado ao instaurar a escassez material dentro das prisões acaba produzindo o que esse autor denominou de “Sistema de Abastecimento”: a presença da família numa dinâmica de manutenção material das penitenciárias paulistas, o que repercute num “[...] particular regime de práticas que, por sua vez, vai possibilitar ao sistema prisional continuar funcionando, mesmo que de um modo muito distinto daquele normatizado nos códigos”.

Padovani (2019) e Lago (2019) observam o estigma atribuído às relações interpessoais e fronteiriças com a prisão. Tomando como referência Zelizer (1978; 2009), as relações entre moradores e consumidores familiares dos presos, que não aquelas relativas à troca mercantil, poderiam ser fonte de poluição destas relações, como veremos nas próximas seções.

O mercado aparece como único espaço de contato e de intercâmbio permitido entre *mulheres de presos* e moradores da cidade. As visitantes, identificadas como *mulher de preso*⁸, chegam ao município de Lavínia entre as quintas-feiras e domingos de madrugada. A sua chegada modifica totalmente a rotina da cidade. As visitas aos detentos são permitidas aos sábados e aos domingos, ao contrário das prisões mais próximas da área metropolitana de São Paulo, onde os familiares só podem visitar nos domingos (Padovani, 2019). Esse tempo estendido aumenta a janela de mercado onde os produtos podem ser consumidos e as pousadas ocupadas.

8 Lago (2019, p. 3-4) apresenta dados da Secretaria de Administração Penitenciária (SAP-SP) disponibilizados através da Defensoria Pública do Estado de São Paulo (DPESP) que 65% das pessoas cadastradas como visitantes de familiares nas penitenciárias paulista são mulheres. A autora mobiliza as categorias “mulheres de presos, mães, familiares” como expressões simultâneas dos diálogos estabelecidos em seu campo. Em Lavínia a categoria nativa *mulher de preso* também é manejada com a de *visita* no singular, sempre como marcador do Outro em uma relação de opostos com aqueles que não possuem vínculo familiar ou afetivo com a prisão.

Lavínia atende visitantes do município vizinho, Mirandópolis, localizado a seis quilômetros de Lavínia. O município conta com duas penitenciárias e um Anexo de Regime Semiaberto (ARSA), somando 5.028 presos.⁹ É reconhecido pelos comerciantes locais de Lavínia o alto poder aquisitivo das visitantes das prisões situadas no município vizinho, por reunir personagens da alta cúpula do PCC, conforme demonstrou Feltran (2018, p. 37).

Para atrair as visitantes de Mirandópolis o comércio laviniense estende seu horário de funcionamento por mais duas horas. Enquanto em Mirandópolis os supermercados fecham às 18 horas, em Lavínia estão abertos até 20 horas nas sextas-feiras e sábados, configurando noites de circulação agitada durante os finais de semana de uma pacata cidade do interior paulista¹⁰.

3.1 Prisões: a rotina e o ritual das visitas

A partir de quinta-feira, Lavínia se transforma em uma cidade turística: prateleiras de supermercados renovam-se, muitos caminhões carregados de produtos são observados; os carros de táxis deixam as garagens de suas residências; os locais de hospedagem – pousadas, hotéis e casas particulares – estão em pleno funcionamento; os policiais igualmente permanecem nas ruas e vigiam de maneira mais rigorosa.

O espaço externo à prisão igualmente impõe fronteiras abstratas e regidas pelo temor. Cada veículo particular que chega à cidade sem que seja “reconhecido” pelos policiais é abordado e revisitado. As pesquisas de Silvestre (2011) e Sabaini (2012) igualmente constataam a mudança da paisagem mediante a circulação

⁹Dados da página online da Secretaria de Administração Penitenciária (SAP-SP) consultados em abril de 2020.

¹⁰ No município de Mirandópolis o comércio que atende especificamente às visitantes acontece de maneira informal na porta das penitenciárias nos horários de espera das filas de entrada e no descanso da saída.

do transporte oficial da polícia e da Secretaria da Administração Penitenciária em Itirapina-SP durante os dias de visitas.

As transações monetárias que relacionam moradores, comerciantes e as visitantes têm os seus significados negociados. Conforme expresso nos fragmentos retirados das entrevistas com comerciantes locais: “não importa de onde vem o dinheiro delas(...)”; “como em todo lado, tem todo tipo de gente(...)”; “elas pagam direitinho”, ou ainda “se elas fazem algo de errado é problema da polícia(...)”. Estas falas apontam certo temor em relação a estas consumidoras como também indicam a negociação de fronteiras de que fala Zelizer (2011; 2009; 1978 [1992]): uma coisa é a troca mercantil na cidade, outra são os possíveis crimes que devem ser separados dos atos de troca. Ao mesmo tempo expressam a desconfiança da fonte ilícita do dinheiro dessas mulheres e a especificidade da forma como comerciantes moldam as formas de convivência com suas clientes.

Nas transações monetárias vale ressaltar a inflação dos preços nos supermercados da cidade. Lavínia, como em qualquer outra cidade turística, os preços são remarcados com a chegada das visitantes.

A gente não tem um comércio de qualidade. Lamentavelmente, supermercados que nós temos aqui deixa muito a desejar. E o preço aqui é muito alto! O que acontece aqui em Lavínia é que os mercados, os bares, eles tomam como referência (...) e quem consome aqui é família de detentos. Poxa, uma cerveja custa sete reais sabe. Carne, a carne em Lavínia é a carne mais cara que tem, seja a do supermercado, seja a do açougue. Enquanto em Mirandópolis você compra um contrafilé a 23 reais aqui é 27. 70% dos moradores de Lavínia compram em Araçatuba ou compram em Mirandópolis. (Entrevista em profundidade com ex-prefeito de Lavínia realizada dia 23 de jan. de 2018).

Lavínia é uma cidade cara e como relata um de seus ex-prefeitos, os moradores de longa data preferem realizar suas compras em outras cidades:

Se você perceber o comércio da cidade de segunda a quinta tem um ou outro da cidade. Chegou sexta-feira é tudo pessoal de fora e eles não querem nem saber de preço, e compram e levam. Na porta mesmo do presídio tem três *trailers* que já tira a sobrevivência dali, trabalhando dois dias por semana. (Entrevista em profundidade com ex-prefeito de Lavínia realizada dia 23 de jan. de 2018)¹¹.

Para o ex-prefeito de Lavínia é surpreendente que pessoas possam *sobreviver* trabalhando apenas dois dias da semana. Uma diferença entre moradores e visitantes contempla igualmente o aspecto do gosto. Silvestre (2011, p. 18) destacou o estilo de consumo enquanto princípio de distinção em Itirapina-SP: conforme dados da pesquisa observa que os moradores acreditam poder distinguir *as visitas* pelas suas roupas *diferentes e extravagantes*, das quais os moradores da cidade não fariam uso. De outro lado declaram identificar um padrão nos produtos comprados pelas visitas: “alimentação industrializada, como refrigerantes, doces, biscoitos, e produtos de higiene pessoal”.

Esses produtos diferenciados, capazes de distinguir as visitantes dos consumidores moradores, também mudam conforme as restrições da prisão, principalmente com a introdução dos *scanners* os alimentos passam a ser fonte de constrangimento, assim são revistados e fiscalizados pelos agentes penitenciários. Quando identificam itens ilícitos proíbem a entrada do alimento como forma de castigo (Padovani, 2019).

Em Lavínia são os itens preferenciais de consumo das visitantes os mais inflacionados quando os comparamos com cupons

11 Uma das questões apreendidas em pesquisa etnográfica que não trabalhamos no presente artigo é o espaço de lutas entre os dois prefeitos entrevistados, sendo o ex-prefeito detentor do poder público por décadas seguidas configurando o que Godoi et al. (2019) constatou para o quadro político da “hegemonia do PSDB no governo estadual e a manutenção de uma política de ampliação de vagas”, enquanto o prefeito atual representa a inovação tanto partidária quanto de carreira na política sendo o proprietário de um dos supermercados de Lavínia.

fiscais de visitantes que trazem alimentos – e outros itens do *jumbo* – da cidade do Guarujá-SP, cidade turística por excelência ao se localizar no litoral paulista.

Uma hóspede da Pousada Sabiá, que viaja de Guarujá a Lavínia com sua família, a cada 15 dias e em carro particular, nos trouxe o cupom fiscal da compra de seu *jumbo* realizada em sua cidade de residência, considerada, por ela, mais barata, ou econômica¹². A compra foi realizada em dezembro de 2018 em plena época das festividades e férias de fim de ano.

Tabela 2 - Comparação de preços entre supermercados de Guarujá/SP com os dois supermercados de Lavínia/SP (elaboração própria).

Produto <i>jumbo</i>	Guarujá/SP	SUPER 1	SUPER 2
Desodorante <i>roll-on</i> embalagem transparente	5,90 Nivea	Não disponibiliza esse produto	7,99 Nivea
Achocolatado	5,15 Nescau	3,39 Mury	6,49 Nescau
Maionese <i>Helmanns</i>	2,58	5,99	6,99
Leite em pó	7,80	8,89	9,99
Margarina	2,29	2,39	2,60
Açúcar Refinado	1,70	1,89	2,39
Sabonete	1,98 Rexona	1,49 Nivea	1,99 Palmolive
Creme dental Colgate	2,50	2,49	3,99
Refrigerante Coca-cola 2l.	4.99	7.99 10 (gelada)	7.49 10 (gelada)

12 O *jumbo* é o nome dado em São Paulo pelos familiares de presos que realizam visitas, consiste numa sacola necessariamente transparente onde colocam itens permitidos para entrar na prisão. O *jumbo* – a sacola ou bolsa – também é inflacionado em Lavínia podendo custar 30 reais enquanto o preço da capital é de no máximo 15 reais.

Além da inflação dos preços as visitantes devem pagar suas compras à vista, o que não é exigido de outros moradores de Lavínia. Entre elas o jargão que se afirma de maneira irônica e se difunde pelas ruas da cidade é “sou mulher de preso sim, mas tô pagandu”¹³. Uma das estratégias de manipulação do estigma é afirmar e ostentar a posse de dinheiro, única forma de pagamento aceita em Lavínia (dinheiro ou débito no cartão); elas pagam – cientes de que pagam um valor superior e são exploradas – porém se sentem respeitadas por poder realizar o pagamento.

O fluxo das visitantes é variável: algumas mulheres chegam às quintas-feiras no período da tarde e estabelecem uma rotina mais tranquila na cidade, conforme expressão usada por elas: apreciam fazer tudo “com calma”, reservando um tempo para o lazer, o ócio nos bares e restaurantes da cidade. Elas não se restringem à aquisição de alimentos nos supermercados e preparação de itens para a visita; igualmente presente está a preocupação estética: frequentam o salão de beleza para cuidar dos cabelos e unhas. A missão: agradar o marido ou o namorado. Uma das lojas da cidade de Lavínia se especializou na venda de *lingerie*, roupa íntima sem costura e sem algum tipo de metal para que possam passar sem problemas nos escâneres corporais das prisões¹⁴.

13 Essa expressão é conhecida no Brasil por uma personagem de programa humorístico da TV aberta, Lady Kate. A personagem reproduz um estereótipo de ‘nova rica’: ela se apresenta como uma mulher ignorante, que utiliza a língua de maneira incorreta, alcança condição financeira vantajosa e deseja ser aceita na alta sociedade. Ela imita os gostos de pessoas que ela considera distintas e exige ser atendida de maneira respeitosa devido a sua condição financeira, mas é apenas tolerada pelo seu dinheiro.

14 O *scanner* ou escâneres é uma máquina de radiografia que substituiu as revistas vexatórias, como são denominadas pelos movimentos sociais dos direitos humanos, nas quais as mulheres tinham que ficar nuas e agachadas em cima de um espelho a fim de prevenir a suposta entrada de produtos ilegais. O *scanner* chegou às prisões de Lavínia e municípios vizinhos no ano de 2018. No começo da pesquisa de mestrado ainda acompanhamos os relatos da experiência desagradável da revista no corredor da pousada durante a etnografia. Para mais informação sobre as tensões entre movimentos sociais de Direitos Humanos e o poder Jurisprudente na conquista do fim das visitas vexatórias ver Lago (2019).

As *mulheres de presos* são, portanto, aquelas que pagam preços altos por produtos no comércio de Lavínia e ao mesmo tempo vítimas de uma violência simbólica que desqualifica suas vontades de consumir em momentos de ócio. Estes momentos prolongariam sua exposição em espaços públicos da cidade, assim como prestação de serviços fora dos horários estabelecidos são inexistentes ou negados como veremos adiante.

4. Empreendedorismo a partir da prisão

Reportagem publicada no jornal O Estado de S. Paulo, na seção Economia e Negócios, intitula-se “‘Jumbo delivery’ faz entregas em 150 cadeias e penitenciárias de São Paulo”. O assunto é um empresário do ramo das confecções:

“Do jeito que o negócio está crescendo, em breve o jumbo passará a ser a atividade principal da nossa empresa, que hoje emprega 120 pessoas na área de confecção”, diz o empresário, que prefere não falar em valores de faturamento por motivo de cautela. “Esse mercado é meio complicado”, desculpa-se. (Scholz, 2014 – Jornal O Estado de S. Paulo).

Nesse mesmo jornal outra notícia, desta vez na seção de Moda e Beleza, tem como manchete “Empreendedora lança marca de roupas para detentos e mulheres de presos”. A reportagem traz a trajetória de uma mulher que após passar cinco anos visitando o marido criou a empresa “Liberta”, responsável pelo design de roupas apropriadas para realizar a visita¹⁵.

15 Quando o assunto é o vestuário permitido nas prisões as exigências também são diversas. Alguns dos itens proibidos: roupas similares a uniformes de funcionários (calça azul marinho e camisa branca ou camiseta de uniformes militares); roupas que poderiam interferir nas revistas: sutiã com suporte de ferro ou bojo, anéis, relógios, colares, tiaras, arcos, prendedores de cabelo metálico ou com suporte de ferro, *piercing*; assim como blusas com capuz e forro duplo, apliques capilares e tantos outros, em constantes atualizações.

A semelhança entre as duas reportagens, além do tema do mercado em torno das prisões, está na concepção otimista da figura do empreendedor – pessoas capazes de transformar a pior das realidades em oportunidade de desenvolvimento econômico. Esse otimismo dissimula, pela roupagem do mercado, a tragédia dos detentos. Como afirma Teles (2015) transformar a pobreza em oportunidade. Na primeira notícia o repórter anuncia a empreitada da empresa de *'jumbo delivery'* como uma iniciativa de auxílio aos familiares com dificuldade em enviar remessas às prisões cada vez mais distantes do local de residência. Na segunda reportagem a empreendedora da marca de roupas Liberta menciona o caráter justo de sua empreitada ao responder à pergunta: Qual é o preço médio das peças? “Elas custam mais ou menos cinquenta reais. Mas quero chegar a valores mais acessíveis, para todo mundo poder comprar. Não quero só ganhar dinheiro com a Liberta, quero facilitar a vida das pessoas”.

Apesar do lucro se estabelecer como interesse, quais negociações de significados são necessárias para um mercado pautado pela lógica prisional?

A maneira como as visitantes são recebidas em Lavínia organiza a rotina de um mercado com características particulares. Situamo-nos numa problemática apropriada ao enquadramento da Sociologia Econômica: empreendedores que encontram nas prisões possibilidades de mercado.

As visitantes se transformam em consumidoras potencial do comércio local de Lavínia, como podemos observar na entrevista que mantivemos com Glória (nome fictício) – proprietária de uma padaria:

O sonho do meu marido era ter uma padaria, nós nem sabia das penitenciárias e das *visita* mas com o tempo a gente foi aprendendo o que podia entrar na prisão: o pudim; o bolo certo; o pão de hambúrguer; daí a gente foi melhorando e

já faz nove anos que estamos aqui em Lavínia trabalhando com esse tipo de turismo. (Entrevista com Glória, 21 de fev. 2018 – grifo das autoras).

Nessa passagem o termo “as visita” no lugar de as visitantes – frequentemente mobilizado em Lavínia – somente interessa o ato e não as pessoas que fazem a visita; demarca um tratamento genérico e impessoal a estas mulheres.

Na mesma entrevista com Glória recebemos uma queixa de que “os moradores de Lavínia nos dizem que desmerecem eles porque só fazemos produtos para ‘as visita” (Glória, 21 de fev. 2018). O comércio local da cidade acabou se especializando na demanda dos produtos permitidos na prisão, diante da dimensão de Lavínia enquanto complexo penitenciário.

Sabaini (2012, p. 55) já havia destacado a divisão entre moradores e visitantes, como estabelecidos e *outsiders*– no sentido de evitar a poluição das relações – na rotina de consumo em Itirapina-SP:

Não somente os agentes penitenciários, como a maioria dos moradores da cidade sabem dos horários em que *as mulheres de preso* frequentam o estabelecimento, evitando, desta maneira, fazer suas compras no mesmo horário, advertindo amigos e conhecidos a fazerem o mesmo.

No *turismo penitenciário* é possível observar como a chegada das prisões reverteu oportunidades de emprego que haviam sido perdidas. Como demonstra José em entrevista: “hoje meu filho trabalha comigo na pousada, minha esposa também, ele não estaria aqui se não fosse a pousada” (José, nome fictício, 18 de fev. 2018).

Lavínia conta com 13 pousadas e um hotel. A diferença estabelecida entre as pousadas igualmente configura especificidades

do *turismo penitenciário*: a maioria das pousadas aceita apenas mulheres como hóspedes enquanto poucas admitem também homens.

Na pousada mais antiga da cidade – uma das que aceita hóspedes homens além do hotel – é possível encontrar todos os motoristas das excursões oriundas de São Paulo, assim como os próprios ônibus estacionados ao redor do estabelecimento. Uma das regulamentações da Prefeitura Municipal de Lavínia foi proibir a circulação dos ônibus particulares na cidade e é por isto que existem tantos carros de táxis, os dois donos de pousadas que entrevistamos igualmente dispunham do serviço de táxi. Cada ida ou volta da prisão custa em média oito reais, as viagens mais visadas são até as prisões de Mirandópolis – o município vizinho – que custam aproximadamente 30 reais.

Nenhuma das pousadas mencionadas acima é de propriedade dos familiares dos detentos; todas são de moradores do município de Lavínia ou empreendedores de outras localidades que vieram apostar no *turismo penitenciário*.

O Hotel Esplendor (nome fictício) – inaugurado em 2017 – é reconhecido como alto investimento na cidade. Sua proprietária empregou recursos da venda de uma fazenda, herança familiar no estado de Mato Grosso do Sul. Ela vendeu sua propriedade para investir no *turismo penitenciário* de Lavínia. O edifício do hotel é uma das maiores construções da cidade, com térreo e dois andares. Ainda, disponibiliza quartos com ar-condicionado.

Outra especificidade do turismo de Lavínia é a locação do uso da cozinha: as mulheres preparam refeições que serão levadas para os presos no horário de visita. As visitantes pagam por hora que utilizam a cozinha, também pelo uso do forno ou de outros eletrodomésticos. Todas as pousadas cobram, inclusive, para guardar itens no refrigerador, variando de R\$ 1,50 a R\$ 2,00 reais por item.

Aquelas visitantes que chegam na quinta-feira, em geral, preparam as refeições que serão levadas aos presídios durante a sexta-feira, dia de maior tranquilidade na cozinha da pousada. Os refrigeradores de uma pousada em Lavínia, no final da noite de uma sexta-feira, ficam repletos de potes recheados com comida e refrigerantes de dois litros com uma etiqueta identificando a proprietária pelo nome. Aqui um item do *turismo penitenciário* diverso do turismo convencional: o fato dessas mulheres optarem por cozinhar para seus maridos. Elas viajam, trazem coisas, compram outras coisas e cozinham no sentido de dar aos maridos a sensação de estarem no lar: o refrigerante está gelado e a comida é fresca como se comessem em suas próprias casas, e o esforço é enorme para conseguir que tudo chegue perfeito na prisão, e para isto precisam acordar cedo para apressarem sua entrada¹⁶.

Em retorno ao campo, dezembro de 2018, encontramos uma nova movimentação no setor da hotelaria em Lavínia. A primeira delas, fisicamente visível, é a construção de um novo hotel. O investimento vem de dois sócios da cidade de Araçatuba-SP, distante 70 quilômetros de Lavínia. O hotel promete oferecer, além da hospedagem, serviços de alimentação e outras lojas a fim de disponibilizar itens de utilidade para as visitantes. O serviço de alimentação funcionará durante a madrugada – horário de chegada de muitas excursões e período em que as visitantes não encontram onde comer na cidade.

Outra novidade, segundo declaração dos moradores de Lavínia, foi o aumento exaustivo das *casas clandestinas*. Algumas mulheres que acompanham a pena de seus maridos decidiram se mudar para a cidade depois que casas populares foram entregues em 2018¹⁷.

16 A entrada nas prisões de Lavínia funciona por senhas que são distribuídas por uma casa particular que faz as vezes de pousada e estabelece vínculo direto com o PCC demonstrando a porosidade do dispositivo carcerário paulista. Para mais informação sobre as senhas de entrada na prisão ver Godoi (2017).

17 Ao contrário do esperado pelo atual prefeito do município de Lavínia, como vimos em fragmentos da entrevista, não foram os funcionários públicos das prisões que se mudaram para a cidade e, sim, familiares de presos.

Nessas casas – afastadas do centro da cidade – elas colocaram camas de tipo beliche para oferecer hospedagem às demais visitantes por um preço inferior ao das pousadas. Ao princípio, elas estariam participando da concorrência do livre mercado como outro interessado qualquer.

Porém, os proprietários de pousadas organizaram um abaixo assinado e dirigiram-se ao prefeito do município, exigindo providências. Exemplificaram o caso de um outro prefeito do município de Avanhandava-SP. Este prefeito quando soube da existência de uma *casa clandestina* acionou sua relação com o diretor do presídio que enviara o marido da mulher que colocou a casa, *de bonde* (ir de bonde significa ser transferido às presas a outra penitenciária). Este fenômeno coloca em evidência a forma em que essas mulheres são aceitas como agentes econômicos na condição de consumidoras, mas o papel de produtoras no mercado está interdito ou, nos termos de Zelizer (2011; 1978), profana as relações ou polui o mercado.

A decisão do atual prefeito foi exigir aos proprietários das pousadas que regulamentassem suas condições legais referentes ao alvará com a prefeitura, para que então pudesse tomar alguma medida oficial em relação às denominadas *casas clandestinas*. Constatamos que apenas sete pousadas de Lavínia estavam regularizadas com o alvará da Prefeitura Municipal. Havia ainda uma pousada que não havia pago sua conta de água durante um período de 15 anos.

Os proprietários de pousadas alegam em seu favor que *casas clandestinas* podem se transformar em ponto para a comercialização de drogas¹⁸. Vemos aqui mais um aspecto da configuração

18 A política de criminalização das drogas é tema caro das reflexões referentes ao encarceramento em massa, sobretudo a respeito do exercício seletivo da apreensão policial com a população negra e periférica. Pesquisas como de Silvia Ramos e Leonarda Musumeci (2005) tratam da construção desse “elemento suspeito”. Lago (2019) também reflete sobre as relações acusativas envolvendo *mulheres de presos* e a suposição de porte de substâncias ilícitas.

estabelecidos/*outsiders*: os estabelecidos acusam e atacam através de julgamento difamador os (ou as) *outsiders*.

4.1. Pousadas e a precificação num universo assimétrico

A maior parte das visitantes hospedadas na pousada etnografada sequer realizam visitas nas penitenciárias de Lavínia. Elas se dirigem às duas penitenciárias do município vizinho, Mirandópolis-SP. As penitenciárias de Mirandópolis, conhecidas respectivamente como MIRA 1 e MIRA 2, são famosas no município de Lavínia por albergar presos com penas mais longas. Estes detentos são reconhecidos pela posse de maior capital econômico (devido às suas relações com o PCC), como já mencionado. Assim, suas visitantes são disputadas e preferidas¹⁹. Seria de grande interesse analisar a rede de transferência monetária que constitui as visitantes como consumidoras, tão bem como a hierarquia que existe entre elas em termos monetários e os vínculos com o PCC; fica o tema como pista de pesquisas futuras.

Nessa organização, os grupos do aplicativo WhatsApp²⁰ são fundamentais para a difusão de informação e de propaganda dos possíveis serviços e produtos disponíveis na cidade, tão bem como para evitar o contato físico. Em Lavínia é possível observar o efeito da prisão sobre o estabelecimento de uma ordem econômica e produtiva. Os comerciantes da cidade, assim como os demais moradores, dependem da organização das visitantes para calcular seus investimentos de um lado e, de outro, calcular

19 Os locais de hospedagem de Lavínia como em qualquer outra cidade turística são diversos – assim como sua clientela. Cada um vai se especializando para atender a uma determinada fração de classe. Existem visitantes que preferem se hospedar sozinhas e não querem compartilhar quarto; existem as que exigem ar-condicionado; as que se hospedam onde estão as amigas; as que preferem lugares mais animados ou aquelas que pagam pela calma.

20 Mais detalhes sobre grupos de WhatsApp como acionadores do mercado em Lavínia, ver Luz (2019).

os horários que saem às ruas evitando encontros com familiares de preso. Abordamos a seguir a rotina das pousadas.

4.2. A rotina de pousada – hospedar-se e cozinhar para o companheiro, um lar inventado

Na Pousada Sabiá um refrigerador de sorveteria fica dentro de um quarto ao lado da cozinha, onde a proprietária da pousada descansa. Esse cômodo permanece trancado (o temor é de roubos) quando a proprietária está ausente. Em algumas ocasiões a proprietária da pousada precisou ressarcir itens que desapareceram de seu refrigerador. A desconfiança é parte integrante desse mercado e perpassa as discussões referentes ao significado de *mulher de preso* mesmo que roubos também aconteçam em outros hotéis e em outros cenários.

Durante as madrugadas de sábado e domingo é preparado o café da manhã da pousada: pão francês, leite, achocolatado, café, bolo e suco. O café da manhã é servido das 4h às 7h. As mulheres acordam cedo para dar início aos preparativos da visita às prisões. A funcionária da Pousada Sabiá é responsável por retirar todos os itens do refrigerador, os distribui em cima de uma grande mesa e vigia para que seja recolhido pessoalmente por sua proprietária. Ela confere com cada uma das mulheres o nome identificado no rótulo do objeto a ser entregue. Essa funcionária recebe a quantia de 900 reais por mês como salário. Há também um momento de desperdício: itens de alimentação que sobram no domingo. Muito do que foi comprado pelas visitantes não é utilizado no preparo da comida e o motivo principal é o pequeno tamanho dos vasilhames permitido nas prisões e que quase sempre é insuficiente para tudo o que elas desejavam levar ao presídio. Os projetos são maiores do que as possibilidades da realidade. Itens alimentícios como extrato de tomate, maionese, refrigerantes, milho e ervilhas em conserva; presunto e queijo; ao serem abertos e não utilizados

por inteiro acabam deixados na geladeira da pousada. Outros itens como pacotes de arroz ou de macarrão pela metade; litros de óleo quase cheios; comidas de preparo rápido e congeladas como lasanha ou canelone, latas de cerveja. Tudo vai parar na geladeira da casa da proprietária da Pousada Sabiá que brinca “nem preciso fazer compra no mercado” (Coralina, 21 de fev. 2018).

A racionalidade econômica que caracteriza a aquisição de alimentos e bebidas, por parte das visitantes, é a noção de fartura, fenômeno que se manifesta no jargão popular em frases como “é melhor sobrar do que faltar”; “tadinho do preso com aquilo que come lá dentro”; “miséria atrai mais miséria”.

A rotina das hóspedes inclui passeios e acompanhar novelas pela televisão. É na sexta-feira que elas vão fazer suas compras nos supermercados da cidade e de retorno à pousada, cheias de sacolas, fazem uso da cozinha. Elas preparam muita carne e por isto a maioria delas faz uso do forno (lembrando que devem pagar preços diferenciados para uso de forno e fogão). Os pratos mais comuns: maionese; vinagrete; lasanha; macarrão a bolonhesa; mandioca frita e lanches. Nesse momento a música soa alto na cozinha; o funk embala as mais jovens e o pagode agrada aquelas de mais idade.

Na sexta-feira pela noite chegam muitas visitantes e a pousada fica mais agitada; aquelas da quinta-feira já desocuparam a cozinha dando espaço para as recém-chegadas. Na cozinha da Pousada Sabiá existem quatro fogões de seis bocas, os quais serão compartilhados por no máximo duas visitantes por vez. O único homem que entra frequentemente na pousada é o entregador de gás.

Depois de cozinhar, é hora de relaxar, muitas se acomodam na varanda da pousada e abrem uma cerveja com a sensação de “dever cumprido”.

No sábado as visitantes despertam na madrugada para cuidar dos preparativos femininos ao som do secador de cabelo e dos chuveiros funcionando. Em seguida, organizam os seus recipientes com alimentos, o refrigerante gelado e tudo vai para a bolsa de *jumbo*; elas aguardam então os ônibus da excursão na porta da pousada. Um grande movimento de pessoas em Lavínia acontece na madrugada, enquanto os demais moradores do município ainda dormem. Outra característica do *turismo penitenciário* que favorece o isolamento dessas mulheres em relação aos demais habitantes da cidade.

No domingo quando todas as visitantes estão dentro dos presídios Coralina (nome fictício da proprietária da Pousada Sabiá) retorna a casa e calcula os rendimentos da semana. Em média ela recebe a quantia de 2800 reais a cada fim de semana. Nesse final de semana o movimento de sua pousada tinha sido muito bom porque correspondia ao Natal dos presos, celebração que ocorre na semana anterior ao calendário oficial e que permite a entrada de mais itens de alimentação nas sacolas de *jumbo*. Ao final de cada mês Coralina recebe de seu trabalho no *turismo penitenciário* o valor aproximado de 8 mil reais.

O que exploramos no artigo foi a circulação das visitantes em rotinas organizadas como consumidoras, com horários específicos capazes de engendrar igualmente a organização do grupo ofertante: moradores sem vínculo familiar com penitenciárias do município de Lavínia. Os moradores locais que trabalham informalmente sabem o momento ideal de acessar os corredores das pousadas vendendo seus produtos; os pedidos são entregues a qualquer hora do dia, incluindo a madrugada, antes que as visitantes deixem a prisão. Após o horário das visitas as ruas de Lavínia estão movimentadas e ao mesmo tempo segregadas: o comércio é permitido, porém, evita-se qualquer outro tipo de contato físico com essas pessoas, o contato é considerado como poluição das relações pelos moradores de Lavínia.

Considerações finais

O intuito do artigo foi mobilizar conceitos da Sociologia Econômica para refletir a respeito das relações de mercado situadas fora da prisão embora atravessadas por ela. A proposta é agregar reflexões sobre a objetivação do encarceramento em massa como forma de pensar a pobreza e seus lugares de gestão (Telles, 2015).

A condição das mulheres consumidoras em Lavínia (esposas, mães, filhas e namoradas de presos) é tolerada como passageira, a iniciativa delas na cidade de montar as próprias pousadas se apresenta – aos moradores – como elemento poluidor e ameaçador, daí um movimento em protesto contra estas pousadas, mesmo que as suas próprias sejam irregulares. Existe um interesse velado de que essas mulheres prossigam configurando categorias transitórias de populações em fluxo.

O mercado em torno das prisões marca as mulheres e famílias dos presos como população perigosa, a constituição destes mercados alcança familiares de presos com atribuições morais que circunscrevem o interior das muralhas, violência simbólica que ressoa para além do preso. Entretanto, ao mesmo tempo que acarreta desconfiança e medo, também gera formas de pagamentos imediatas e em dinheiro que “vem de fora”. Relação contraditória que gera o mercado, ao mesmo tempo em que nega outros espaços de convívio.

O risco da presença delas é precificado através do aumento de preço das mercadorias nos dias da semana que estas mulheres frequentam a cidade e com a imposição do pagamento à vista. As visitantes desejam reproduzir a esfera do lar e desta maneira utilizam o espaço das cozinhas das pousadas no preparo de refeições que serão levadas no momento da visita. Reproduzir um lar, igualmente, se torna um item precificado: elas pagam um preço extra pelo uso da cozinha (forno e fogão são itens preci-

ficados separadamente) das pousadas. Reproduzir um lar também significa repensar a categoria turismo, que deveria significar a livre escolha de se ausentar da própria casa em busca de novas experiências.

Voltando às reflexões de Telles (2015), o fenômeno gerador de recursos para o desenvolvimento regional se realiza às custas de famílias e mulheres pobres – a pobreza transformada em mercado – que mesmo com poucos recursos devem se deslocar até Lavínia, onde se transformam em consumidoras disputadas entre pousadas, supermercados e informais. Conforme análise de Zelizer (1978) sobre o mercado de seguros de vida, aqui igualmente o discurso do *turismo penitenciário* justificado como alternativa de desenvolvimento econômico dissimula o processo de encarceramento em massa ao purificar o dinheiro que vem dele: é pelo bem dessas cidades que as prisões são acolhidas.

Para Bourdieu (2005) as estratégias econômicas estão integradas em um sistema complexo de reprodução, que no caso do *turismo penitenciário* poderia significar empobrecimento dos lares, dinheiro dispensado para mais um cuidado que no caso é o familiar detido. Indo contra as premissas economicistas, o mercado em torno das prisões demonstra como o uso instrumental das desigualdades opera em sentido de “imprimir distinções morais” (Zelizer, 2009).

Certamente pensar nas relações de mercado atravessadas pelo atual fenômeno do encarceramento em massa requer um aprofundamento em perspectivas raciais e de gênero, o que fica como pista para pesquisas futuras.

Esta pesquisa pretendeu ampliar o campo de análise, porém, não aborda todas as dimensões dos mercados em torno das prisões. Mais pesquisas comparando os diferentes formatos de mercados nas cidades e a dinâmica particular do Rio de Janeiro, onde a espacialização é diversa, são bem-vindas.

Referências

- Bourdieu, Pierre. **As estruturas sociais da economia**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.
- Bourdieu, Pierre. O campo econômico. **Política e Sociedade**, Florianópolis, v. 4, n.6, p. 15-57, 2005.
- Brandalise, Anne Pinto. e Leite, Elaine da Silveira. A valorização do meio ambiente: da proteção aos seguros ambientais. **Política & Sociedade**, vol. 18 (43): 108-135, 2019.
- Comfort, Megan. Partilhamos tudo o que podemos: a dualização do corpo recluso nos romances através das grades. **Análise Social**, vol. 185, p. 1055-1079, 2007.
- Davis, Angela. **Estarão as prisões obsoletas?** Rio de Janeiro: Difel, 2018.
- Elias, Norbert.; Scotson, John. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- Favret-Saada, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 149-153, 2005.
- Feltran, Gabriel. **Irmãos: uma história P.C.C**. São Paulo: Companhia das letras, 2018.
- Ferraz de Lima, Jacqueline S. **Mulher fiel: as famílias das mulheres dos presos relacionados ao Primeiro Comando da Capital**. 2013. 164f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Estadual de São Carlos, São Carlos-SP.
- Fourcade, Marion e Healy, Kieran. Seeing like a market. **Socio-Economic Review**, 2017, Vol. 15, No. 1, p. 9–29, 2017.
- Foucault, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- Godoi, Rafael. **Fluxos em cadeia**: as prisões em São Paulo na virada dos tempos. São Paulo: Boitempo, 2017.
- Godoi, Rafael; Araújo, Fábio e Mallart, Fábio. Espacialização da prisão. A conformação dos parques penitenciários em São Paulo e no Rio de Janeiro, **Novos Estudos**, CEBRAP, São Paulo, vol. 38, n. , p. 591-611. 2019.
- Goidanich, Maria Elisabeth. **Mamãe vai ao supermercado: uma abordagem etnográfica das compras para o cotidiano**. 2012. 250f. Tese (Doutorado In-

terdisciplinar em Ciências Humanas) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

GOVERNO DO ESTADO DE SAO PAULO. Últimas notícias. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/governo-de-sao-paulo-inaugura-presidio-em-lavinia/>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

Lago, Natália. **Jornadas de visita e de luta: tensões, relações e movimentos de familiares nos arredores da prisão**. 2019. 231f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Luz, Thamires. **“Turismo penitenciário”: economia e prisão na consolidação de uma prática de mercado**. 2019. 165f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Ciência Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC.

Mallart, Fábio. **Findas linhas: circulações e confinamentos pelos subterrâneos de São Paulo**. 2019. 270f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Marques, Adalton. **Humanizar e expandir: uma genealogia da segurança pública em São Paulo**. São Paulo: IBCCRIM, 2018.

Mazon, Marcia da Silva e Moura, Wandgleisom Garcia. Cachorros e humanos. Mercado de rações pet em perspectiva sociológica. **Civitas Revista de Ciências Sociais**. V. 17 n. 1, p. 138-158, 2017.

Muller, D. **Teoria das compras. O que orienta a escolha dos consumidores**. São Paulo: Nobel. 2002.

Ossandón, J. Como se faz um mercado? Agregue: formações sociais, conflitos políticos e econômicos. In: Tomás, A. (ed.). **Produzindo o social: usos das Ciências Sociais no Chile Recente**. Santiago do Chile: Edições Universidade Diego Portales, p. 291 – 315, 2012.

Padovani, Natália Corazza. **“Perpétuas espirais”: falas do poder e do prazer sexual em trinta anos (1977-2009) na história da Penitenciária Feminina da Capital**. 2010. 186 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Padovani, Natália Corazza. Na caminhada: “localizações sociais” e o campo das prisões. **Cadernos Pagu**(55), ISSN 1809-4449, pp. 1-31. 2019.

Ramos, Silvia; Musumeci, Leonarda. **Elemento suspeito: abordagem policial e discriminação na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

Sabaini, Raphael. **Uma cidade entre presídios: ser agente penitenciário em Itirapina-SP**. 2012. 160f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Scott, Joan. Gender: a useful category of historical analyses. *In: Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press. 1989.

Scholz, Cley. 'Jumbo delivery' faz entregas em 150 cadeias e penitenciárias de São Paulo. **Estadão**, Economia e Negócios, 06 de março de 2014. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral/jumbo-delivery-faz-entregas-em-150-cadeias-e-penitenciarias-de-sao-paulo,179056e>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA. **Unidades Prisionais**. Disponível em: < <http://www.sap.sp.gov.br> > Acesso em: 16 abr. 2020.

Silvestre, Giani. **Dias de visita: uma sociologia da punição e das prisões em Itirapina**. 2011. 192f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Estadual de São Carlo, São Carlos-SP.

Telles, Vera da Silva. Cidade: produção de espaços, formas de controle e conflitos. **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v.46, n.1, jan./jun., p.15-45, 2015.

Wacquant, Lôic. **Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos** [A onda punitiva]. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

Zelizer, Viviana. Human Values and the market: the case of life insurance and death in 19th-Century America. **American Journal of Sociology**, vol. 84, n.3, p. 591-610. (1978 [1992]).

Zelizer, Viviana. **Pricing the Priceless Child: The Changing Social Value of Children**. New York: Basic Books, 1985.

Zelizer, Viviana. Dualidades perigosas. **Mana**, vol. 15, n. 1, p. 237 -256, Rio de Janeiro, 2009.

Zelizer, Viviana. **A negociação da intimidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

Zomighani JR., J. H. **Desigualdades espaciais e prisões na era da globalização neoliberal: fundamentos da insegurança no atual período**. 2013.437 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Recebido em 28/04/2020

Aceito em 17/06/2020